

## A voz social e política na poesia de Narcisa Amália: uma leitura da segunda parte dos poemas de *Nebulosas*

Taís Siqueira Secco<sup>1</sup>, João Paulo Hergesel<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Brasil  
(taissecco1515@gmail.com)

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, Brasil (joao.hergesel@puc-campinas.edu.br) – Orientador do trabalho

**Resumo:** Narcisa Amália foi uma poeta do século XIX, que se destacou por sua linguagem romântica e engajamento em causas feministas, republicanas e abolicionistas. Este trabalho analisa a segunda parte dos poemas do livro *Nebulosas* (1872) com base na metodologia de Massaud Moisés, focando em metáforas e palavras-chave. Percebe-se que a obra entrelaça lirismo e posicionamento ideológico, evidenciando uma figura feminina resistente e colaborando para o reconhecimento de sua presença no romantismo brasileiro.

**Palavras-chave:** interfaces comunicacionais; comunicação literária; comunicação poética; Narcisa Amália; *Nebulosas*.

### INTRODUÇÃO

*Nebulosas* foi publicado em 1872 pela Editora Garnier, sendo o único livro lançado em vida por Narcisa Amália, que foi uma escritora engajada em causas feminista, republicana e abolicionista. A obra, que conta com prefácio de Pessanha Póvoa, está dividida em três partes e inclui o poema que dá nome ao livro logo após a introdução. Este artigo analisa criticamente a segunda parte da obra, que contém 13 poemas.

### MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, foi utilizado como base a edição príncipe (Amália, 1872), disponível online na Biblioteca Brasiliiana Guita e José Mindlin, e reproduzidas aqui com ortografia atualizada. A análise desenvolvida segue uma perspectiva crítico-reflexiva, fundamentada nas contribuições de Massaud Moisés (2007), que defende a centralidade da essência poética em detrimento de uma leitura puramente formal. Assim, foram priorizadas a estrutura simbólica e metafórica dos poemas, compreendendo as metáforas como palavras-chave carregadas de densidade emocional e conceitual, que se desdobram em imagens e expressões interligadas. A análise busca, portanto, identificar essas palavras e realizar uma leitura sensível da organização interna do poema.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Anna Faedrich (2017) destaca Narcisa como figura central da literatura do século XIX e reconhece seu papel pioneiro na literatura feminina brasileira, ainda

que frequentemente deixada de lado devido aos preconceitos de gênero da época.

Essa segunda parte da obra apresenta um tom mais social e político aos poemas. Barbosa (2003) fala sobre como Narcisa acreditava que a função do poeta era agir na transformação da sociedade. Para ela,

Nas duas primeiras estrofes do poema *Vinte e Cinco de Março* ela faz alusão ao Projeto de Constituição elaborado pelos membros da Constituinte de 1823, no qual todos os grandes princípios de liberdade eram solenemente reconhecidos. Em *Sete de Setembro* ela saúda a independência da nação, mas demonstra reservas pela maneira como este se dera. Preocupa-se com a manutenção da liberdade, com a participação popular no processo e relembra antigos mártires. [...] No poema *Pesadelo* ela faz referência à Revolução Francesa e reafirma seu ideal. (Barbosa, 2003, p. 3-4)

Telles (1989) fala sobre como Narcisa acreditava que a verdadeira independência do Brasil só seria possível com o fim da escravidão e a restituição plena dos direitos civis. Com isso, ela defendia a rebeldia e a revolução como caminhos legítimos para alcançar a justiça social, o que lhe rendeu críticas por se envolver com temas considerados impróprios para mulheres da época. Ela via a literatura e a imprensa como instrumentos poderosos de transformação,

capazes de educar emocional e politicamente o povo. Segundo ela, Narcisa defendia que

A pátria não poderia ser independente, nem se constituir como nação plena, enquanto persistisse a nefasta instituição, enquanto todos os direitos não fossem restituídos. (Telles, 1989, p. 80)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

**Invocação**, poema que abre a segunda parte do livro, expressa a dor de uma voz poética exilada, saudosa de sua pátria idealizada como um paraíso natural. A distância física e emocional da terra natal gera sentimentos de abandono, rejeição e impotência. A condição feminina surge como obstáculo simbólico à liberdade e ao pertencimento. Apesar disso, a voz não exige retorno, mas suplica por um mínimo gesto de lembrança que alivie a solidão e reafirme sua ligação afetiva com a pátria distante.

**No Ermo** é uma meditação lírica sobre a dor existencial e a busca de consolo na natureza. O eu lírico, abatido e sem esperança, encontra refúgio nas florestas virgens, que são descritas como templos sagrados de silêncio, pureza e beleza. A contemplação da paisagem natural, rica em sons, aromas e cores, funciona como bálsamo para a alma ferida, permitindo uma reconciliação espiritual com o mundo. A natureza deixa de ser mero cenário e se torna agente de cura e transcendência, se apresentando como fonte de fé e renascimento interior.

**O Itatiaia** é uma ode à imponência da montanha homônima, exaltada como símbolo da natureza grandiosa e sagrada do Brasil. O eu lírico expressa assombro e reverência diante das paisagens elevadas, as comparando a cadeias montanhosas do mundo, como o Himalaia. A descrição vívida da fauna, flora e formações rochosas revela um olhar sensorial e estético. O poema reforça o sentimento de pequenez humana diante do sublime natural e funciona também como canto patriótico, celebrando a beleza do território nacional como motivo de orgulho e admiração.

**Vinte e cinco de março** possui um tom épico e indignado que denuncia a traição dos ideais de liberdade no Brasil. A data remete à Constituição de 1824, interpretada como símbolo de opressão e autoritarismo. O eu lírico acusa os poderes instituídos de enganarem o povo e restaurarem a tirania sob o disfarce da liberdade. Com imagens fortes, o poema expressa revolta contra a apatia popular e convoca os brasileiros a honrar seus heróis e romper com a injustiça. A linguagem é elevada e combativa, repleta

de metáforas e apóstrofes, evocando o romantismo político e engajado.

**Manhã de Maio** é uma celebração lírica da aurora e da natureza primaveril, marcada por beleza, serenidade e espiritualidade. O eu lírico convida a amada a deixar a cidade e contemplar a paisagem ao amanhecer, onde cada elemento natural, como flores, pássaros, luz, aromas, simbolizam pureza e amor. O poema exalta o momento como um rito de renovação, oração e inspiração poética, em comunhão com o divino. A linguagem é delicada e sensorial, evocando um mundo idealizado em que juventude, natureza e fé se entrelaçam em harmonia.

**A Resende** apresenta uma nostalgia que celebra o reencontro do eu lírico com sua terra natal, representada como uma figura feminina acolhedora e idealizada. Após uma longa jornada de dor, solidão e desalento, o retorno a Resende traz consolo, beleza e inspiração. A cidade é vista como musa, mãe e porto seguro, resgatando no poeta a fé, a poesia e o desejo de repouso eterno. Repleto de imagens afetivas e simbólicas, o poema transforma o espaço geográfico em pátria íntima, lugar de pertencimento e transcendência espiritual.

**Miragem** é um poema político e combativo que denuncia a escravidão e a apatia social, contrastando a liberdade vibrante da natureza com a submissão do ser humano. O eu lírico conclama o povo a romper suas correntes, inspirando-se em figuras da Revolução Francesa e em mártires como Giovanni Badaró. A liberdade, apresentada como ideal inalcançável, quase como uma miragem, é desejada como conquista histórica e justiça adiada. O poema mistura lirismo e crítica social, sonhando com um Brasil desperto, altivo e digno de sua própria grandeza.

**Lembras-te?** evoca um momento de comunhão entre o eu lírico e uma figura amada, diante da beleza do entardecer. A paisagem natural, descrita com sensibilidade e riqueza sensorial, desperta reflexões sobre o universo, o amor e a presença divina na criação. O questionamento da interlocutora gera uma resposta poética que revela fé, encanto e transcendência. A natureza torna-se expressão visível de Deus, e a lembrança partilhada adquire um tom espiritual e filosófico. É uma celebração romântica da beleza, da memória e da conexão entre alma, amor e cosmos.

**A Lua...** possui um tom confessional e melancólico, em que o eu lírico dialoga com a lua, vista como musa, confidente e símbolo de solidão. A figura lunar, bela e distante, encarna o mistério e a poesia, despertando no poeta o desejo de ser compreendido e acolhido. No entanto, a distância entre ambos revela a impossibilidade dessa comunhão plena. O tom é delicado, mas permeado por cansaço e resignação,

marcando a exaustão emocional do eu lírico. A lua, assim, torna-se espelho da dor, da inspiração e do limite entre beleza e melancolia.

**Sete de Setembro** celebra a independência do Brasil com tom épico e patriótico, mas também denuncia as frustrações e injustiças persistentes após o marco histórico de 1822. A liberdade é idealizada como uma entidade sagrada, mas ainda ausente da realidade concreta do povo, que permanece oprimido por erros e desigualdades. A obra alterna entre exaltação e crítica, revelando a contradição entre o ideal libertário e a corrupção política. O poeta clama por uma liberdade verdadeira, iluminadora e transformadora, capaz de redimir o país. É um canto romântico de esperança e alerta.

**À noite** é um poema melancólico e contemplativo que transforma a noite em figura maternal, confidente e poética, acolhendo o sofrimento do eu lírico. Envolvido por uma dor íntima e insaciável, o poeta busca no silêncio noturno um refúgio para sua alma exausta. A natureza escura e serena inspira sonhos, versos e ilusões que aliviam temporariamente a angústia existencial. Com imagens delicadas e linguagem simbólica, o poema expressa o desejo de repouso e consolo em um mundo que só a noite comprehende. É um hino romântico à solidão criativa e à beleza que nasce da dor.

**Vem!** é uma súplica lírica ao sono, personificado como entidade celestial capaz de trazer consolo, repouso e esquecimento das dores humanas. O eu lírico, abatido pela angústia e pelo cansaço existencial, clama por essa presença redentora que oferece alívio universal, tanto aos seres humanos quanto à natureza. O sono aparece como refúgio sagrado diante das trevas do mundo, capaz até de revelar a “pátria” ideal nos domínios do sonho. Com forte apelo emocional, o poema expressa o desejo de fuga da realidade e elevação espiritual, através da entrega ao sono sereno e libertador.

**Pesadelo** possui um forte teor político e histórico, que denuncia a omissão e a submissão do Brasil diante de sua própria luta por liberdade. O eu lírico relembra revoluções e heróis de outros povos, como os gregos, franceses, ingleses e poloneses, exaltando seus feitos contra a tirania. Em contraste, acusa o Brasil de ter traído seus mártires, como Tiradentes, Padre Roma e Nunes Machado. A obra mistura indignação com esperança, clamando por um despertar nacional que honre sua história e conquiste a verdadeira liberdade. É um grito de revolta e fé na revolução futura.

## CONCLUSÃO

A análise da segunda parte do livro *Nebulosas* evidencia a riqueza e a complexidade da poesia romântica que vai muito além da simples expressão

sentimental para construir uma linguagem poética engajada, ideologicamente densa e socialmente crítica. Através da leitura atenta, percebemos como as imagens, metáforas e símbolos funcionam como elementos estruturantes que conferem profundidade emocional e simbólica à obra, articulando temas como liberdade, identidade, história, natureza e transcendência.

Esses poemas não apenas exaltam ideais patrióticos e revolucionários, mas também revelam tensões internas entre esperança e frustração, dor e consolo, ação e resignação, construindo uma poética plural e multifacetada. Além disso, destacam a importância do olhar poético para a natureza, o amor e a espiritualidade, mostrando como esses elementos dialogam com as urgências políticas e existenciais do Brasil oitocentista e seu legado.

Ao resgatar e valorizar essa produção literária, o estudo contribui para ampliar os horizontes dos estudos literários brasileiros, oferecendo novas perspectivas sobre o romantismo, a crítica social e a construção da identidade nacional.

## REFERÊNCIAS

AMÁLIA, Narcisa. **Nebulosas**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. 192 p. Disponível em: [https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8413?locale=pt\\_BR](https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8413?locale=pt_BR). Acesso em: 18 jun. 2025.

BARBOSA, Gisele Oliveira Ayres. Aspectos sociais e políticos da poesia de Narcisa Amália. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <https://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.274.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FAEDRICH, Anna. Narcisa Amália, poeta esquecida do século XIX. **Soletras**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 237-253, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/30950>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 16. reimpr. São Paulo: Cultrix, 2007.

TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. **R. História**, São Paulo, n. 120, p. 73-83, 1989. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593/20656>. Acesso em: 18 jun. 2025.